



Vidas interpostas: raça e gênero no sul da África

Interposed lives: race and gender in southern Africa

Juliana Braz Dias¹

Resumo: Os relatos biográficos de duas mulheres configuram o objeto deste trabalho. De um lado, Krotoa, que habitou a Península do Cabo, no sul da África, no século XVII. De origem khoikhoi, foi levada para viver com os colonizadores holandeses, ainda criança, mostrando grande habilidade como mediadora entre dois mundos. De outro lado, Sylvia Vollenhoven: jornalista, produtora, escritora e cineasta, nascida em meados do século XX, na Cidade do Cabo, África do Sul. Viveu a ascensão do apartheid e a transição para o regime democrático, racialmente classificada como Coloured. O artigo coloca em destaque as experiências de duas mulheres em posições sociais liminares. Com uma perspectiva comparativa, aborda o entrelaçamento de relações raciais e de gênero, e promove uma reflexão sobre viver *in between*.

Palavras-chave: África do Sul; Krotoa; Sylvia Vollenhoven; interseccionalidade; liminaridade.

Abstract: The biographical accounts of two women are the object of this work. On the one hand, Krotoa, who inhabited the Cape Peninsula, in Southern Africa, in the 17th century. Of Khoikhoi origin, she was taken to live with Dutch settlers as a child, showing great skills as a mediator between two worlds. On the other hand, Sylvia Vollenhoven: journalist, producer, writer and filmmaker, born in the mid-twentieth century, in Cape Town, South Africa. She lived through the rise of apartheid and the transition to democratic rule, racially classified as Coloured. The article highlights the experiences of two women in liminal social positions. With a comparative perspective, it addresses the intertwining of racial and gender relations, and promotes a reflection on living in between.

Keywords: South Africa; Krotoa; Sylvia Vollenhoven; intersectionality; liminality.

¹ Juliana Braz Dias é Professora Associada de Antropologia na Universidade de Brasília. Recentemente, foi professora visitante na Universidade da Cidade do Cabo e na Universidade de Stellenbosch. Realiza pesquisas em Etnologia Africana e Cultura Popular, com experiência de campo em Cabo Verde e na África do Sul. Suas pesquisas têm resultado em publicações sobre música, carnaval, identidades sociais e criouliização.

Este trabalho dirige a atenção aos relatos biográficos de duas mulheres que viveram, em momentos muito distintos, na ponta meridional do continente africano. Krotoa e Sylvia Vollenhoven emprestam suas histórias de vida para refletirmos sobre o entrelaçamento de relações raciais e de gênero em contextos coloniais e pós-coloniais².

A realidade social sul-africana, ontem e hoje, dificilmente pode ser abordada de modo adequado sem trazermos à tona a dimensão das relações raciais. As experiências vivenciadas desde os momentos iniciais da Colônia do Cabo, passando pela dramática implantação do regime de apartheid, até a desafiadora construção de uma África do Sul democrática carregam doloridas marcas associadas aos modos de classificação racial. Assim, seja no plano subjetivo ou na esfera pública, as discussões sobre relações de gênero no país estão profundamente atravessadas pelas formas históricas de delineamento das relações intra e inter-raciais.

Se a inspirada assertiva de Flavia Dzodan – “*my feminism will be intersectional or it will be bullshit*”³ – mostrou-se adequada nas reflexões sobre os diversos tipos de feminismo no Ocidente, ela é absolutamente necessária no tratamento do caso sul-africano. Dzodan sintetizou na potente afirmação a crítica à homogeneização das experiências das mulheres por parte de algumas correntes do feminismo que privilegiavam as experiências de mulheres ocidentais brancas, classe média e heterossexuais, tornando invisíveis as demais. Na medida em que vozes antes marginalizadas começam a ganhar volume e ser ouvidas, o caráter interseccional das dinâmicas discriminatórias passa a ocupar posição central nos debates feministas. Autoras africanas, em particular, têm manifestado seus diferentes desafios, perspectivas e escolhas – a exemplo do que nos mostra a jornalista sul-africana Haji Mohamed Dawjee:

Eu tenho uma experiência pessoal disso, por testemunhar a vida da minha mãe. Como uma mulher de cor, ela teve que enfrentar uma infinidade de desafios e fatores que a definiram como mulher em sua sociedade. Como resultado, ela teve que encontrar sua própria forma de feminismo. Ela teve que navegar pelo racismo, tradição, normas culturais e sociais sobre o papel das mulheres, bem como da religião. As mulheres de cor não estão apenas enfrentando o sexismo; elas estão lutando contra todas essas outras coisas ao mesmo tempo [...]⁴.

² Agradeço o apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAP-DF), que possibilitaram a elaboração deste capítulo. Agradeço ainda aos generosos comentários de Albert Farré sobre uma versão anterior deste trabalho.

³ Em tradução livre: “meu feminismo será interseccional, ou não fará sentido”. Esta é uma das mais famosas citações feministas, amplamente difundida pela Internet. Flavia Dzodan publicou essas palavras em 2011, no blog Tiger Beatdown. Disponível em: <http://tigerbeatdown.com/2011/10/10/my-feminism-will-be-intersectional-or-it-will-be-bullshit/>. Acesso em: 4 abr. 2020.

⁴ DAWJEE, Haji Mohamed. Feminism is the noisy protest, and the quiet struggle. In: THORPE, Jen (Ed.). *Feminism is: South Africans speak their truth*. Cidade do Cabo: Kwela Books, 2018. pp. 66-67; tradução minha.

Por vezes, essas outras lutas são até mesmo mais desafiadoras e necessárias. Como afirma Rebecca Davis⁵, precisamos reconhecer que muitas mulheres não podem sequer se dar ao luxo de batalhar por políticas verdadeiramente interseccionais, uma vez que uma forma particular de opressão – como raça ou classe – seja claramente mais tóxica e generalizada do que outras.

Na África do Sul, a discriminação racial engloba as demais, tornando-se o foco principal nas múltiplas tentativas de compreensão e transformação da desigualdade social. Não é por acaso que seja este um tema recorrente nas inúmeras biografias que movimentam o mercado editorial no país.

Vamos acompanhar aqui alguns desses relatos biográficos. São textos de naturezas distintas – assim como são distintas as histórias de vida narradas. Pretendo, porém, costurar progressivamente suas similaridades, procurando avançar algumas conclusões.

Trabalhando com biografias

Os argumentos sobre a importância da relação entre biografia e história têm particular ressonância nos estudos africanos. Heather Hughes⁶ enumera um conjunto relativamente extenso de obras nessa linha, mostrando como biografias de pessoas africanas (sejam líderes ou pessoas comuns) são capazes de enriquecer o conhecimento sobre a história do continente. São obras de grande potencial para o ensino e a pesquisa no campo dos estudos africanos: *The African Yearly Register, Being an Illustrated National Biographical Dictionary (Who's Who) of Black Folks in Africa*, publicado em 1932 por T. D. Mveli Skota; *Dictionary of African Historical Biography*, de Mark Lipschutz e R. Kent Rasmussen, publicado em 1978; e *Oxford Dictionary of African Biography*, organizado por Emmanuel K. Akyeampong e Henry Louis Gates, em 2012, dentre outros⁷. Importante observar que essas obras tenderam a dedicar muito pouca atenção às mulheres. Só em 1984, foi publicada *Women Leaders in African History*, de David Sweetman, seguida de outras nessa linha^{8, 9}.

⁵ DAVIS, Rebecca. Confessions of a white feminist. In: THORPE, Jen (Ed.). *Feminism is: South Africans speak their truth*. Cidade do Cabo: Kwela Books, 2018. p. 108.

⁶ HUGHES, Heather. African Biography and Historiography. In: The Oxford Research Encyclopedia, African History. Nova York: Oxford University Press, 2018. Disponível em: <https://oxfordre.com/africanhistory/view/10.1093/acrefore/9780190277734.001.0001/acrefore-9780190277734-e-229>. Acesso em: 5 abr. 2020.

⁷ *Idem, ibid.*

⁸ *Idem, ibid.*, p. 6.

⁹ Destaca-se também o pioneirismo da antropóloga Mary F. Smith que, em 1954, publicou uma obra sobre a vida de uma mulher muçulmana entre os Hausa da Nigéria, intitulada *Baba of Karo: a woman of the Muslim Hausa (apud*

No mercado editorial sul-africano atual, especialmente numerosas têm sido as autobiografias. E esses livros que navegam entre a subjetividade e as macronarrativas configuram um rico material para a antropologia. O leitor ganha acesso privilegiado a um esforço de reconstrução da memória, que desafia narrativas concorrentes. Nas obras de caráter memorialístico, a escrita é transformada em espaço de luta¹⁰, o que é especialmente relevante no caso de autoras mulheres, cujas vozes, recorrentemente, estão fora das narrativas oficiais.

Neste trabalho, lidamos com uma autobiografia, de Sylvia Vollenhoven, e vários textos de cunho biográfico e analítico escritos sobre Krotoa, a partir de fontes secundárias. Portanto, a relação entre escritor(a) e sujeito nessas obras é bem diversa. Manteremos esse dado em mente ao longo da análise que se segue.

Além de lidarmos com fontes muito diferentes, cabe destacar também que as histórias de vida aqui analisadas têm entre elas três séculos de distância, o que exige cuidadosa contextualização dos eventos examinados. Ciente desses obstáculos, acredito, porém, na possibilidade de desenvolvermos reflexões importantes na comparação entre os dois casos.

O que une essas narrativas é o modo como tratam de vidas *in between*. Elas destacam as experiências de mulheres em posições sociais liminares, fronteiriças. São narrativas que nos ajudam a pensar sobre a maneira como essas mulheres atravessaram diferentes espaços sociais, enquanto buscavam construir suas próprias identidades.

Krotoa

Krotoa vivia na Península do Cabo quando da chegada dos holandeses ao extremo sul da África. Sua vida é narrada em diversos livros, teses e artigos¹¹. Julia Wells¹² chega a dizer que,

Hughes, *op. cit.*, p. 9).

¹⁰ CHAVES, Rita. Autobiografias em Moçambique: a escrita como monumento (2001-2013). *Revista de História*, n. 178, a03118, 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-83092019000100317&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 5 abr. 2020.

¹¹ MALHERBE, Vertrees C. Krotoa, called “Eva”: a woman between. Cidade do Cabo: University of Cape Town; Centre for African Studies, 1990. (Communication Series, n. 19); ABRAHAMS, Yvette. Was Eva raped? An exercise in speculative history. *Kronos*, n. 23, pp. 3-21, 1996; LANDMAN, Christina. The religious Krotoa (c1642-1674). *Kronos*, n. 23, pp. 22-35, 1996; CONRADIE, Pieter. Remembering Eva: the frontiers within. *Alternation*, v. 4, n.1, pp. 60-72, 1997; WELLS, Julia C. An African Woman at the Cape: Krotoa (c. 1642-74). In: CRAIS, Clifton; MCCLENDON, Thomas V. (Eds.). *The South Africa Reader*. Durham: Duke University Press, 2014. pp. 37-45; WELLS, Julia C. Eva’s men: gender and power in the establishment of the Cape of Good Hope, 1652-74. *Journal of African History*, n. 39, pp. 417-437, 1998; COETZEE, Carli. Krotoa Remembered: a mother of unity, a mother of sorrow. In: NUTTALL, Sarah; COETZEE, Carli (Eds.). *Negotiating the past: the making of memory in South Africa*. Cidade do Cabo: Oxford University Press, 1998; SAMUELSON, Meg. *Remembering the Nation, Disremembering women? Stories of the South African Transition*. Pietermaritzburg: University of KwaZulu-Natal Press, 2007; SCHOEMAN, Karel. *Seven Khoi Lives: Cape biographies of the seventeenth century*. Pretoria: Protea Book House, 2009; GQOLA, Pumla Dineo. *What is slavery to me? Postcolonial/slave memory in post-apartheid South Africa*. Johannesburg: Wits University Press, 2010.

¹² WELLS, 1998, p. 417.

provavelmente, Krotoa é a mulher africana com a maior quantidade de trabalhos produzidos sobre ela no âmbito da historiografia sul-africana¹³.

As características dos autores que escreveram sobre Krotoa variam muito: homens e mulheres, brancos e negros, sobretudo da etnia khoikhoi. Em comum entre esses autores está o fato de trabalharem sempre com fontes secundárias. A voz de Krotoa não está registrada em lugar algum. Os dados sobre ela limitam-se ao que foi registrado nos diários da Companhia Holandesa das Índias Orientais, sobretudo no *Diário de Jan van Riebeeck*, que teve várias versões publicadas¹⁴. É preciso notar ainda que este último não é um livro de memórias pessoais, tendo sido escrito a várias mãos. Acredita-se que foi produzido sob a supervisão de Jan van Riebeeck, mas não trata necessariamente de suas próprias palavras. Portanto, trabalhamos apenas com os registros deixados por colonizadores holandeses, certamente enviesados e com muitas lacunas¹⁵. Por sua vez, os autores e autoras que hoje escrevem sobre Krotoa trazem diferentes interpretações desse material, sendo algumas conflitantes. No presente trabalho, tomo por base as obras de Wells¹⁶ e Schoeman¹⁷, fazendo uso das demais quando adequado.

Antes do século XVI, a região ao sul da África havia se mantido isolada. Por conta das condições climáticas da região, seus habitantes limitavam-se a pequenos e dispersos grupos de caçadores-coletores. Entre esses povos – os khoisan – havia notável diversidade no que toca às línguas faladas. Em cada área, uma língua distinta era falada, ainda que fossem todas pertencentes à mesma família linguística. Viviam em grupos de aproximadamente vinte a oitenta indivíduos, formados por um conjunto de famílias nucleares. Esses coletivos não tinham fronteiras rígidas, de modo que as pessoas se identificavam com membros de outros grupos que falavam a mesma língua e habitavam o mesmo território¹⁸.

Especificamente na Península do Cabo, onde o regime de chuvas era mais adequado, esses povos passaram a se dedicar também à criação de ovelhas e gado. Os europeus vieram a chamar tais pastoralistas de hotentotes, enquanto os caçadores-coletores eram denominados bosquímanos (em inglês, *bushmen*). Ambos os termos caíram em desuso dado seu caráter pejorativo. Hoje se considera correto chamar os caçadores-coletores de “san” e os pastoralistas de “khoikhoi” – sendo o

¹³ Acrescento que Sara Baartman, conhecida como a Vênus Hotentote, disputa esse posto com Krotoa (ver BRAZ DIAS, Juliana; BELIZZE, Geovanna. Encenando a diferença em palcos metropolitanos: as trajetórias de Sara Baartman e Franz Taibosh. *Anuário Antropológico*, v. 45, n. 3, pp. 304-324, 2020).

¹⁴ Uma das versões do *Diário de Jan van Riebeeck* foi digitalizada e tornada acessível ao público. Disponível em: https://archive.org/stream/riebeecksjourna00archgoog/riebeecksjourna00archgoog_djvu.txt. Acesso em: 8 abr. 2020.

¹⁵ Como argumenta Abrahams (1996), não há fontes escritas sobre Krotoa propriamente. Ela só aparece nos diários quando desempenha algum papel relevante para a Companhia Holandesa das Índias Orientais.

¹⁶ WELLS, 1998; SCHOEMAN, 2009.

¹⁷ *Id.*, *ibid.*

¹⁸ *Id.*, *ibid.*

termo “khoisan” usado para se referir ao conjunto desses povos¹⁹.

A incorporação do pastoralismo entre os khoikhoi provocou transformações significativas. A propriedade privada de gado e ovelhas levou a uma estratificação social. Puderam formar também comunidades maiores, organizadas em clãs, isto é, grupos compostos de pessoas que se consideram descendentes de um ancestral comum. Vários clãs associavam-se entre si, de modo não muito estável, formando reinos – chamados pelos europeus de tribos²⁰.

Foram esses grupos pastoralistas e caçadores-coletores que os europeus encontraram quando começaram a se instalar no extremo sul da África. Até meados do século XVII, mercadores holandeses, ingleses, franceses e escandinavos que navegavam em direção à Ásia aportavam na Península do Cabo, vez ou outra, apenas em busca de água fresca e para trocar objetos de ferro e cobre pelas ovelhas e gado dos pastoralistas khoikhoi²¹. Foi somente em 1652 que o comandante Jan van Riebeeck chegou àquelas terras com a missão de construir um forte em nome da Companhia Holandesa das Índias Orientais, garantindo o abastecimento das frotas holandesas que por ali passassem. E a Colônia do Cabo rapidamente evoluiu para uma sociedade complexa, relativamente autônoma e racialmente estratificada. Pessoas escravizadas foram trazidas das mais diversas regiões: Daomé, Angola, Moçambique, Madagascar, Indonésia, Índia e Malásia, entre outros. Aos pastoralistas locais, restaram as opções de abandonar a região ou permanecer ali, numa relação de troca e, posteriormente, servidão para com os holandeses²².

Ao chegar em terra, Jan van Riebeeck fez os primeiros contatos com um pequeno grupo khoikhoi, de aproximadamente dezoito homens acompanhados de mulheres e crianças. Esse grupo, chamado goringhaicona (ou strandlopers), liderado por Autshumato, logo assumiu uma posição privilegiada como mediador nas relações entre os holandeses e os grupos pastoralistas do interior.

Pouco depois de sua chegada, Van Riebeeck tomou uma menina khoikhoi, de aproximadamente 12 anos, para viver em sua casa, juntamente com sua jovem esposa²³. A criança era “sobrinha” de Autshumato. Conhecida entre os seus como Krotoa, a menina ganhou, entre os holandeses, um novo e sugestivo nome: Eva. Tratava-se de fato de um marco inicial, o começo de um novo tempo caracterizado pelas diversas formas de violência comuns à experiência colonial.

¹⁹ Movimentos mais recentes voltam a questionar esses termos. Particularmente, em certos contextos, alguns nativos têm preferido “bushmen” a “san”.

²⁰ THOMPSON, *op. cit.*, pp. 13-14.

²¹ *Id.*, p. 32.

²² *Id.*, p. 33.

²³ Abrahams (1996) sugere que a criança tenha sido raptada, tomada à força e até mesmo abusada sexualmente. Não há, contudo, uma evidência clara quanto a isso. Segundo Wells (1998), é mais provável que o fato tenha resultado de um acordo entre Van Riebeeck e o líder do grupo ao qual pertencia a menina.

Apesar das muitas lacunas existentes no *Diário*, alguns autores acreditam que, por volta dos 14 ou 15 anos, Krotoa tenha deixado a casa de Van Riebeeck para a realização do ritual de iniciação feminina entre os khoikhoi²⁴, voltando a viver entre os holandeses em seguida.

A menina tinha grande aptidão para o aprendizado de línguas e muito rapidamente começou a aprender holandês. O próprio Van Riebeeck a descreveu em seu *Diário* como alguém que falava holandês “com quase a mesma perfeição de uma menina holandesa”²⁵. Não demorou muito para que ela começasse a atuar como intérprete, tendo aprendido inclusive um pouco da língua portuguesa (provavelmente por meio do contato com escravos). Krotoa deixou a indumentária característica khoikhoi e passou a se vestir com roupas descritas como “à moda indiana”. Assim, a jovem veio a ocupar um lugar muito especial, polêmico e mesmo perturbador na história e na historiografia da África do Sul. Nas palavras de Julia Wells²⁶, Krotoa atuou, ao longo da vida, como uma jovem aprendiz, intérprete, agente comercial, embaixadora de um chefe khoikhoi e negociadora de paz em tempos de guerra.

Mesmo vivendo durante anos com Van Riebeeck e sua esposa, Krotoa buscava manter contato com os seus. Um episódio em particular, narrado (ao que parece) por Van Riebeeck em seu *Diário*, ajuda-nos a reconstruir ainda que parcialmente a vida de Krotoa, dividida entre dois mundos. Segundo o Comandante, certa vez (no ano de 1658), a jovem pediu autorização para visitar seus parentes no interior. Pediu também alguma quantidade de cobre, ferro, contas, tabaco, pão e bebida alcóolica em recompensa por seus serviços como intérprete, visando presentear os parentes. O episódio segue sendo narrado:

[...] ela partiu ao anoitecer, com sinceras palavras em holandês e gestos corteses como expressão de gratidão pelos presentes que recebeu, etc., e quando ela alcançou a cabana do intérprete Doman fora [do Forte], ela imediatamente voltou a usar sua capa de pele e mandou suas roupas de volta para casa para usar novamente quando retornasse à esposa do Comandante, com a promessa de que ela, contudo, não esqueceria nesse meio tempo do Senhor Deus (Quem ela veio a conhecer na casa acima mencionada), e que sempre lembraria d’Ele, e que depois iria tentar ler, etc.²⁷.

A cena narrada evidencia a posição liminar de Krotoa. A troca de indumentárias simboliza sua capacidade de atravessar fronteiras adequadamente, como quem conhece bem os dois mundos a que pertence. A jovem assumiu seu lugar como uma mulher khoikhoi, com seus modos e a consciência de suas relações e obrigações com os parentes. Partiu para visitar sua irmã, que havia se

²⁴ WELLS, 1998, p. 424.

²⁵ VAN RIEBEECK *apud* SCHOEMAN, *op. cit.*, p. 14.

²⁶ WELLS, 1998, p. 418.

²⁷ VAN RIEBEECK *apud* SCHOEMAN, *op. cit.*, p. 17; tradução minha.

tornado esposa de um chefe cochoqua. Mas não abandonou as marcas do mundo holandês em que foi socializada, retornando à casa de Van Riebeeck um mês depois. Krotoa, vivendo entre mundos, traz uma história de dupla lealdade²⁸. Fez sucessivas visitas à irmã e tornou-se protagonista na construção de uma estreita relação entre Van Riebeeck e Oudasoa (o chefe cochoqua), envolvendo o comércio de gado.

A escassez de fontes documentais não permite avançar muito o conhecimento sobre o papel das mulheres entre os khoikhoi do século XVII. O que fica evidente é que Krotoa desfrutava de prestígio, tanto entre os cochoqua quanto entre os holandeses que viviam no Forte, ocupando uma posição especial em ambas as realidades sociais. Exemplo disso pode ser observado na ocasião narrada por Schoeman²⁹: “Quando Oudasoa finalmente visitou Van Riebeeck em finais de 1660, ela [Krotoa] também estava presente nas discussões que ele e seu filho tiveram com o Comandante e membros do seu Conselho”³⁰. As vivências dessa jovem mulher têm sido interpretadas pela linha argumentativa que aponta seu poder particular de se envolver em negócios tidos como “de homens”, tanto para os khoikhoi quanto para os holandeses. Tal interpretação, porém, carrega suposições sobre os limites do “universo feminino” para os khoikhoi, interpretação esta que não podemos endossar, como veremos adiante.

Podemos aventar possíveis explicações para a confiança que Van Riebeeck depositava em Krotoa. Por vezes, Van Riebeeck parece ter desenvolvido uma relação paternal para com Krotoa, a qual também tinha muita proximidade com Maria, a esposa do comandante. Por outra via, não necessariamente excludente, é plausível que Van Riebeeck tenha tido uma relação íntima com Krotoa, em algum momento³¹. O certo é que Krotoa detinha grande respeito e poder de influência sobre Van Riebeeck, que em vários trechos do *Diário* fez comentários como “devemos observar o conselho de Eva”. Krotoa não apenas trazia informações sobre os grupos khoisan, mas também dava opiniões sobre estratégias a adotar. Julia Wells ressalta que:

[Eva] dava sugestões aos holandeses sobre novos bens a negociar, que eles não tinham oferecido até então, incluindo canela, cravo, noz-moscada, [...] pimenta e açúcar. Ela também os persuadiu, com sucesso, a enviar alguns bons violinistas e um palhaço holandês para entreter o chefe [Oudasoa]!³².

²⁸ Essa é a minha interpretação, que vai ao encontro da perspectiva apresentada por Malherbe (*op. cit.*) ao descrever Krotoa como “*a woman between*”. Também nessa linha segue a reflexão de Samuelson (*op. cit.*) que a vê como uma “figura liminar”. Mas há posicionamentos divergentes. Abrahams (*op. cit.*), por exemplo, coloca-se explicitamente contra a interpretação de Malherbe, afirmando que Krotoa era fundamentalmente “uma mulher khoisan, cuja vida foi inseparável do destino de seu povo” (ABRAHAMS, *op. cit.*, p. 3; tradução minha).

²⁹ SCHOEMAN, *op. cit.*

³⁰ *Id.*, p. 21; tradução minha.

³¹ WELLS, 1998, p. 421.

³² *Id.*, pp. 426-427.

Sendo os registros existentes escritos pelos holandeses, temos menos informações sobre a recepção de Krotoa entre os grupos khoisan. Podemos supor que o fluxo de informações e conselhos também tenha seguido nessa direção. Alguns indícios sugerem que Oedasoa tenha usado Krotoa como sua representante perante os holandeses.

A vida entre dois mundos, porém, tinha seu preço. É possível perceber a fragilidade de sua posição. Krotoa jamais seria tratada como uma mulher holandesa, apesar do conhecimento que acumulou e dos hábitos a que aderiu, incluindo os ritos da religião cristã. Não era também tratada como as mulheres khoikhoi convencionais, ao que parece. Van Riebeeck menciona que a irmã de Krotoa lhe prometeu encontrar um bom chefe para se casar. Mas isso nunca aconteceu, não se sabe a razão.

A posição de dupla lealdade não tardou a trazer problemas. Como era de se esperar, Krotoa enfrentou muita oposição de representantes de outros grupos khoikhoi, que invejavam seu poder de influência. E, com o tempo, Van Riebeeck parece ter começado a perder a confiança nela, suspeitando de suas várias visitas à irmã. Pelo tom das entradas no *Diário* a partir de 1660, fica claro que os holandeses percebiam que Krotoa servia mais aos interesses dos cochoqua do que aos seus³³. Em larga medida, é essa imagem de uma pessoa ambivalente, cujas verdadeiras intenções nunca são totalmente conhecidas, que persiste durante muito tempo na história oficial contada sobre Krotoa.

Após a morte da irmã de Krotoa, seu vínculo com os cochoqua tornou-se muito frágil, e ela passou a viver definitivamente entre os holandeses. Piorando muito sua situação, Van Riebeeck e sua família deixaram a Colônia do Cabo em 1662. Com isso, Krotoa perdeu sua casa, bem como apoio e proteção. A partir de então, a jovem que tão bem circulava entre dois mundos passou a não se encaixar em nenhum dos dois.

Não temos acesso à voz de Krotoa, que se perdeu no tempo. Mas é possível vislumbrar algumas de suas estratégias de sobrevivência, à medida que perdia seus aliados. Ela investiu na vida entre os europeus. Foi batizada e buscou construir relações com outros oficiais, sem sucesso. Seu trabalho como intérprete ainda era acionado com alguma regularidade, mas sem a confiança que antes lhe depositavam.

Um passo muito importante foi dado quando, em 1664, Krotoa decidiu se casar com Pieter van Meerhoff, um oficial dinamarquês. Antes de se casarem, Krotoa e Pieter ficaram juntos por dois anos e tiveram dois filhos. Uma vez casados, tiveram mais um filho e mantiveram-se juntos até a

³³ WELLS, 1998, p. 429.

morte de Pieter. Parece ter sido, de fato, uma relação amorosa – além do que os dois teriam trabalhado juntos nas negociações entre os holandeses e grupos khoisan³⁴. Pieter também demonstrava muita habilidade como mediador.

O novo comandante, Zacharias Wagenaar, que assumiu o posto de Van Riebeeck, trouxe maiores problemas para Krotoa. Ele tinha uma posição claramente hostil para com os khoisan, e com relação a Krotoa, em particular. O casamento nos moldes cristãos parece ter sido uma estratégia para garantir a posição do casal na comunidade holandesa. Não teve, contudo, o efeito desejado. O casal, com suas habilidades de mediação, já não era tão útil à colônia nessa nova fase. E o primeiro casamento cristão inter-racial na colônia trouxe ainda mais hostilidade.

Em 1665, Pieter Van Meerhoff foi transferido, com a esposa grávida e seus dois filhos mestiços, para Robben Island. O que aparentemente seria a promoção de Pieter para o cargo de supervisor era, de fato, a transferência de sua família para uma colônia penal isolada. Robben Island foi usada, desde muito cedo, para a criação de ovelhas pertencentes à Companhia Holandesa das Índias Orientais. Sua posição relativamente isolada logo se mostrou útil também para a reclusão de transgressores. Desde os tempos de Van Riebeeck, tornou-se comum banir criminosos enviando-os para a ilha. De modo geral, durante vários séculos, qualquer pessoa indesejável para o sistema poderia para lá ser enviada – foi nessa ilha que Nelson Mandela passou dezoito dos seus vinte e sete anos de reclusão.

Krotoa foi, assim, praticamente banida da sociedade a que buscava pertencer. Durante os três anos que passou em Robben Island com o marido e filhos, ela era novamente a única mulher numa comunidade de homens – marinheiros, soldados e criminosos. Sua posição entre mundos (khoikhoi e holandês) era também uma posição na fronteira entre o universo feminino e o masculino.

A influente mulher começa, então, sua derrocada. Mergulhou no alcoolismo, que muito prejudicou sua saúde. Pieter Van Meerhoff foi enviado, a serviço, para as Ilhas Maurício e nunca retornou para a Colônia do Cabo, tendo sido morto na viagem, em 1666. O *Diário* de 8 de fevereiro de 1669 registra detalhadamente o colapso de Krotoa, como nos mostra Schoeman:

[...] naquela tarde ela tinha sido severamente repreendida por sua “grande bebedeira”, “aqui no salão, bem como frente à mesa do Senhor Comandante” [...], e por seu estilo de vida “indecente e escandaloso”. Ao mesmo tempo, ela foi ameaçada de perder seus filhos e ser mandada para “a ilha”, o que, à luz das alternativas disponíveis pode ter significado Robben Island, Dassen Island ou Maurício.

³⁴ *Id.*, 1998.

A reação de Krotoa a tudo isso foi decisiva e sem qualquer ambiguidade, e na mesma noite seus “três filhos pequenos” apareceram “nus e desprotegidos” no salão da Assembleia no Forte, presumivelmente durante as orações da noite, relatando que a mãe deles estava muito bêbada e teria partido de casa com “todos os seus utensílios domésticos e roupas de cama”, sem deixar nada para eles³⁵.

Krotoa foi encontrada por soldados, em um grupo de párias khoikhoi. Foi presa e exilada, levada novamente para Robben Island, onde viveu por mais cinco anos. O *Diário* de 29 de julho de 1674 anunciou sua morte, descrevendo Krotoa nos seguintes termos:

[...] certa mulher Hottentot chamada Eva, que foi tirada dos nativos da África pelo Honorável Senhor Riebeeck, educada na sua casa e apresentada ao conhecimento da fé cristã, com tanta profundidade que ela foi, desse modo, *quase* transformada de Hottentot para Holandesa³⁶.

No obituário de Krotoa, Zacharias Wagenaar selou a ideia de que a vida entre dois mundos não era mais apreciada na nova fase colonial – pelo contrário, era uma mácula inaceitável. Acusou Krotoa de ser “como os cachorros, sempre voltando ao seu próprio vômito”³⁷. O discurso e as práticas racistas de Wagenaar marcavam apenas o início da história de um país que viria a ser devastado pelos conflitos raciais.

A comovente morte de Krotoa contrasta com sua retomada, nas últimas décadas, nos discursos de construção da nação na África do Sul pós-apartheid. Diversos autores têm analisado as várias reconstruções fictícias de Krotoa – em poemas, peças teatrais e outras obras literárias³⁸. Krotoa tem sido aclamada como a mãe da “Nação Arco-Íris”, símbolo de uma nova África do Sul, democrática e multicultural. Sua vida continua a ser um objeto sobre o qual histórias são construídas, favorecendo diferentes interesses.

Sylvia Vollenhoven

Seguimos adentrando outras histórias, agora narradas em primeira pessoa. *The Keeper of the Kumm: ancestral longing and belonging of a boesmankind*, publicada em 2016, é a autobiografia de Sylvia Vollenhoven. Jornalista, produtora, autora de peças teatrais e cineasta, além de ter trabalhado por uma década como executiva de uma emissora de televisão, Sylvia tem acumulado vários prêmios, nacionais e internacionais, ao longo de sua bem-sucedida carreira profissional. Mas na

³⁵ SCHOEMAN, *op. cit.*, pp. 38-39; tradução minha.

³⁶ *Apud* SCHOEMAN, *op. cit.*, p. 41; tradução minha, grifo meu.

³⁷ WAGENAAR *apud* MALHERBE, *op. cit.*, p. 51.

³⁸ LANDMAN, *op. cit.*; CONRADIE, *op. cit.*; COETZEE, *op. cit.*; SAMUELSON, *op. cit.*; GQOLA, *op. cit.*

vida pessoal, muita dor, angústia e dúvidas clamavam por atenção. Foi quando a autora resolveu escrever seu livro de memórias como parte de um processo curativo.

Viajei por vários lugares, escrevi tanto sobre tantas coisas, cobri extensivamente a história em desenvolvimento da África do Sul, mas não sei absolutamente nada sobre mim mesma. Quem sou eu? De onde venho? Qual é o meu lugar na paisagem da história da África?³⁹

É assim que a autora expõe suas inquietações no prólogo do livro. A questão racial é, certamente, o centro dessa busca existencial. E é por onde Sylvia começa a relatar suas memórias. Nascida em 1952 (exatos três séculos após a chegada de Jan van Riebeeck), viveu diretamente a ascensão do apartheid e a transição para o regime democrático. A história da África do Sul se entrelaça claramente com o processo de amadurecimento da menina em busca de um lugar nessa sociedade.

A certidão de nascimento de Sylvia a identifica como *Mixed*⁴⁰. Em outra fase da sua vida (e da história do país), ela foi reclassificada como *Coloured*, o termo que se firmou no regime do apartheid como identificador de indivíduos mestiços⁴¹. Recorro à tentativa de Adhikari⁴² de definição desse termo abrangente e escorregadio.

Na África do Sul, ao contrário do uso internacional, o termo *Coloured* não se refere às pessoas negras em geral. Em vez disso, alude a um grupo social fenotipicamente variado, com origens culturais e geográficas muito diversas. [...] As pessoas *Coloured* são, em grande parte, descendentes de escravos da Colônia do Cabo, da população indígena khoisan e de outras pessoas negras que foram assimiladas à sociedade colonial do Cabo em finais do século XIX. Como eles também são parcialmente descendentes de colonizadores europeus, os *Coloureds* são considerados popularmente como sendo de “raça mista” e mantiveram um status intermediário na hierarquia racial sul-africana, distintos da minoria *White*, historicamente dominante, e da numericamente preponderante população [considerada] *African*⁴³.

Para Sylvia Vollenhoven, o termo *Coloured* remete a uma existência de muito sofrimento. Segundo a autora, mesmo no pós-apartheid, ser *Coloured* representa a certeza cotidiana de ser

³⁹ VOLLENHOVEN, Sylvia. *The Keeper of the Kumm: ancestral longing and belonging of a boesmankind*. Cidade do Cabo: Tafelberg, 2016. p. 1; tradução minha.

⁴⁰ Em tradução literal para o português, o termo “*mixed*” equivale a “misturado(a)” ou “misto(a)”. Tratando-se, porém, de uma categoria localmente elaborada, carregada de sentido, com uma dinâmica própria, definidora de histórias de vida, mantenho em inglês este e outros termos de identificação racial, como *White*, *Black* e *Coloured*.

⁴¹ Pessoas com diferentes posicionamentos político-identitários optam por grafar o termo *Coloured* de diferentes maneiras. Alguns consideram correto usar letra inicial maiúscula, enquanto outros preferem manter o termo em letras minúsculas. Aqui opto pelo uso de letra maiúscula, seguindo, porém, a escolha original no caso de citações diretas.

⁴² ADHIKARI, Mohamed. *Not white enough, not black enough: racial identity in the South African Coloured community*. Athens (EUA): Ohio University; Center for International Studies, 2005.

⁴³ *Id.*, p. 2; tradução minha.

marginalizada. O termo reverbera um passado de genocídio e de expropriação. Reverbera uma ancestralidade silenciada, a que não se deve ter acesso⁴⁴. O livro é, em si, uma tentativa de reverter os danos causados pela categoria Coloured⁴⁵.

Sylvia nasceu e cresceu na Cidade do Cabo. Pouco conheceu seu pai. Sua avó materna, uma trabalhadora doméstica cristã devota, não aceitava o relacionamento de sua filha com um homem muçulmano – ainda mais por terem gerado uma criança fora do laço matrimonial. E foi essa avó que criou Sylvia, tornando-se sua grande referência. A mãe, mais tarde, casou-se com outro homem, com mais posses e de pele mais clara, com quem veio a ter outros filhos, seguindo distanciada da sua primeira menina.

A infância de Sylvia é contada na obra como um duro processo de socialização, sobretudo pela gradual aprendizagem da gramática racial sul-africana. Sylvia vai descobrindo que o rótulo Mixed tem suas próprias nuances. No bairro de Wynberg, onde viveu a primeira fase de sua infância, apreendeu, pouco a pouco, a hierarquia interna à categoria Mixed (posteriormente, Coloured).

Quando descobri o que “padrasto” significava, comecei a escrever poemas e cartas para o meu pai verdadeiro para que ele soubesse onde eu estava e viesse me resgatar. Ele me levaria àquele mundo do outro lado da cerca, onde *as meninas almost-white* [quase-brancas] de Wynberg brincariam comigo. Nossas certidões de nascimento provavelmente têm todas o rótulo “Mixed”, mas viver na Brentwood Road, próxima à escola para as crianças de pele clara da classe média coloured, me ensinou que algumas pessoas são menos “mixed” que outras⁴⁶.

São lições transmitidas no silêncio, no não dito. As nuances de cor da pele e tipo de cabelo, bem como as diferenças de classe social, vão se mostrando definidoras de relações, privilégios e possibilidades.

Evitados pelos whites de verdade e evitando qualquer contato com as pessoas coloured de pele escura, as famílias almost-white dos bairros almost-white da Cidade do Cabo protegem identidades frágeis com comportamentos codificados que levo anos para decifrar⁴⁷.

⁴⁴ VOLLENHOVEN, *op. cit.*, p. 6.

⁴⁵ O tom introspectivo da autobiografia de Sylvia Vollenhoven, visando dar sentido à experiência de ser classificada como Coloured – portanto, nem White, nem Black o suficiente (ADHIKARI, *op. cit.*) –, encontra paralelo em várias outras obras de caráter memorialista escritas por autores e autoras Coloured. Ver, por exemplo: VAN WYK, Chris. *Eggs to lay, chickens to hatch*: a memoir. Johannesburg: Picador Africa, 2010; CROSHER-SEGRS, Beryl. *A darker shade of pale*: a memoir of apartheid South Africa. Durham: Torchflame Books, 2018; DANIELS, Yusuf. *Living Coloured* (because Black & White were already taken). Johannesburg: Jacana Media, 2019; ALEXANDER, Kenneth M. *Man about town*. Cidade do Cabo: New Adventure, 2019.

⁴⁶ VOLLENHOVEN, *op. cit.*, p. 28; tradução minha, grifos meus.

⁴⁷ *Id.*, p. 66; tradução minha.

Aos poucos, a língua também se revela marcadora de hierarquias. Sylvia se destaca entre seus primos, que moram na área rural, pela habilidade da menina ao falar inglês (além do africâner, língua falada sobretudo com a sua avó). Para os primos menos favorecidos, o africâner é a única língua falada fora da sala de aula, restringindo o acesso aos contextos anglófonos. A habilidade de Sylvia em navegar entre as duas línguas será, inclusive, parcialmente responsável pelo seu sucesso profissional.

Sylvia cria uma relação muito forte com sua avó, seu “centro de pertencimento”. A avó é descendente de povos khoisan e escravos importados. Possivelmente, sangue colonial, africânder, também corre em suas veias. Mas ninguém fala sobre essa herança. O silêncio pesa todas as vezes em que Sylvia tenta falar sobre seus antepassados. Mesmo a avó, que adora contar histórias, parece não conhecer a narrativa mais importante, a que trata de suas origens. Certa vez, uma professora disse a Sylvia que sua gente parou de falar sobre sua história por causa da dor e da violência que evoca. Parece ter se tornado um tabu conversar com as crianças sobre esse passado de tantas perdas.

Enquanto a relação com a avó se estreitava, Sylvia via sua mãe afastar-se cada vez mais. Casada com um homem “quase-branco”, a mãe de Sylvia passou a frequentar lugares em que a menina não era bem recebida. E a ausência materna permaneceu até a vida adulta. Um fosso definitivo foi construído entre as duas quando Sylvia, já adulta, passando por um surto psiquiátrico, revelou à mãe que era abusada pelo padrasto quando tinha em torno de 8 ou 9 anos. A mãe disse tratar-se de uma mentira, deixando Sylvia sozinha com suas dores.

Como tantas outras mulheres, os abusos sexuais voltaram a marcar a trajetória de Sylvia. Sua entrada no mundo profissional foi especialmente dura nesse sentido. Recém-formada em jornalismo, trabalhando em seu primeiro emprego, ouviu de seu chefe que a redação de um jornal “não é lugar para uma jovem menina”. Certo dia, enquanto datilografava uma matéria sobre a vida como empregada doméstica, para a seção feminina do jornal, viu o editor se aproximar e, calmamente, acariciar seus seios. Nenhum dos outros homens presentes na sala da redação reagiu, tomando o fato com naturalidade. E não raro a jornalista ouvia dos colegas coisas como: “Sylvia, usa uma saia mais curta... não consigo ver suas pernas de onde estou sentado... como você espera que eu consiga fazer as coisas dentro do prazo desse jeito?”. Diante do constante assédio, Sylvia não desistiu, mas precisou se transformar.

[O jornal] *The Cape Herald* me ensinou a deixar minhas emoções em casa ao ir para o trabalho. Frente a qualquer sinal de sensibilidade, os homens me atacavam com uma espécie de jocosidade afiada nos bares e shebeens⁴⁸ dos Cape Flats [bairros pobres na periferia da Cidade do Cabo]⁴⁹.

Para seus colegas (todos homens), as mulheres eram divididas em duas categorias – as prostitutas e as mulheres para se casar. Sylvia não se encaixava em nenhuma delas. Como alternativa, aprendia a imitar a postura de homens durões para sobreviver no mundo do trabalho.

À medida que os movimentos anti-apartheid cresciam na África do Sul, a lógica das relações raciais também sofria modificações. A criança que aprendeu a ser Coloured entrou em contato, na escola secundária, com o movimento Black Consciousness e tornou-se uma jovem segura de si, orgulhosa por ser Black. Quando se mudou temporariamente para Johannesburgo, já durante a transição democrática, Sylvia sentiu-se pertencendo à África pela primeira vez. O cabelo afro ajudou a trazer alguma definição à sua identidade racial ambígua.

Os frágeis recursos que me permitiam entrar facilmente no grupo racial coloured e [usufruir de] seus concomitantes privilégios atribuídos pelo apartheid explodiam com a simples ausência de produtos químicos, ar quente e cerdas de plástico. Debaixo de confusas emoções, existia um sentido de liberdade⁵⁰.

Em sua luta silenciosa por aceitação, Sylvia encontrou seu lugar como ativista do jornalismo negro. Ser Black, naquele momento, foi uma resposta ao desconforto que, como adulta, sentiu diante do *status* de Coloured. Mas a ambiguidade de sua identidade racial ainda lhe afetaria durante muitos anos. A ânsia por encontrar seu lugar dentro da nação sul-africana continuou e se revelou em várias passagens da sua vida. É o caso, por exemplo, de sua vida conjugal. Vivendo no “não-lugar” da identidade Coloured – ou, como ela mesma diz, essa “terra de ninguém” – não é de se estranhar que seu primeiro marido tenha sido um homem inglês, estrangeiro. A cerimônia de casamento aconteceu na Inglaterra, sem a presença de familiares de Sylvia. Importa notar que os casamentos inter-raciais eram estritamente proibidos na África do Sul, naquela época, e que Sylvia e seu cônjuge inglês chegaram a ser presos por viverem na mesma casa na Cidade do Cabo. Tempos depois, Sylvia voltou a se casar, dessa vez com um sul-africano Coloured. Porém, na nova celebração, o casal usou “roupas africanas” – deixando confusos e intrigados os convidados para a cerimônia.

⁴⁸ Os *shebeens* eram bares ilegais, com venda de bebidas alcóolicas sem a licença outorgada pelo Estado.

⁴⁹ VOLLENHOVEN, *op. cit.*, p. 94; tradução minha.

⁵⁰ *Id.*, p. 140; tradução minha.

Seguindo essa sequência pendular de afiliações identitárias, Sylvia mergulhou cada vez mais em um processo depressivo, que se manifestava também em uma dor generalizada pelo corpo, resistente a qualquer medicação. Ela reconhece que a “consciência negra” esteve sempre profundamente presente no seu ser, depois de adulta. Contudo, concomitantemente, uma questão permaneceu em sua mente, trazendo imenso desconforto.

Meus amigos são Xhosa e black, Nama e black, Venda e black. Uma riqueza de identidade que fala de sua história. Eu sou apenas black. BC [o movimento de consciência negra] me salvou do meu jeito coloured, mas não teve o potencial de criar uma identidade conectada com a minha história⁵¹.

Sylvia sentiu que era necessário ir além de uma “negritude universal”. E começou a se encontrar quando se percebeu uma descendente de visionários, sonhadores, xamãs, filósofos e contadores de histórias khoisan. Revirando arquivos com registros sobre esses povos, Sylvia começou a encontrar sua própria história.

A doença que corroía o corpo e a alma de Sylvia foi por ela resignificada como um chamado de seus ancestrais.

[...] eu não conseguia ouvir nada, o que é a razão de eu ter ficado muito doente. Eu tinha uma escolha. Se eu continuasse, eu morreria. Meu trabalho é ajudar as pessoas a ver as coisas que elas pararam de ver. Ajudá-las a compreender, com palavras e imagens e tudo o mais que eu puder, porque as pessoas estão sofrendo, mas não é impossível consertar isso⁵².

Sylvia revirou arquivos históricos para melhor conhecer os povos khoisan e os poucos registros de suas narrativas seculares. Passou por rituais a fim de abrir os canais que a conectam a seus ancestrais. E escreveu sobre isso para que todos pudessem conhecer sua história. Ela reconhece que sabe pouco sobre sua herança e sua verdadeira identidade. Mas, nas palavras de Sylvia, se procurarmos com corações abertos, nossos rituais e histórias podem nos fazer reviver.

Proveitos e danos de viver entre mundos

Apesar de separadas por três séculos, a vida de Krotoa e a de Sylvia, ambas transcorridas na Península do Cabo, revelam significativos pontos de aproximação. Elas colocam em destaque particularidades das sociedades construídas com base na distinção racial. As classificações raciais que legitimaram a formação da Colônia do Cabo, criando a divisão fundamental entre colonizadores

⁵¹ *Id.*, p. 241; tradução minha.

⁵² *Id.*, p. 275; tradução minha.

e colonizados, dominantes e dominados, foram reelaboradas, mas continuaram guiando as relações no Estado sul-africano moderno.

É preciso reconhecer a dificuldade metodológica de comparar a vida de duas mulheres que viveram em contextos tão distintos. Krotoa presenciou a formação de um pequeno assentamento comercial que visava abastecer as embarcações europeias a caminho da Ásia e que daria origem à Colônia do Cabo. Entre esta última e a Cidade do Cabo atual, metrópole de um país industrializado, há profundas diferenças, que não pretendo aqui minimizar. Trata-se de sociedades distintas. Ser mulher khoikhoi no século XVII é, sem dúvida, uma experiência radicalmente diferente de ser mulher Coloured (de ascendência khoisan) no século XX. Mesmo as categorias aqui abordadas – raça, gênero, mulher, khoikhoi, Coloured – não compartilham usos e significados nos dois contextos. Mas a trajetória de Krotoa e a de Sylvia, na Colônia do Cabo e na Cidade do Cabo, respectivamente, podem iluminar uma reflexão sobre viver *in between*.

Sociedades rigidamente fundadas em classificações raciais geram, consequentemente, áreas liminares, que não se encaixam plenamente nas categorias forjadas. Krotoa nunca deixou de ser uma mulher khoikhoi, passando inclusive pelos rituais khoikhoi de iniciação feminina, mas adotou tantas características do mundo social holandês – da língua à religião – que teve sua vida construída na fronteira entre esses dois universos sociais. Esse traço da vida de Krotoa na fase inicial da Colônia do Cabo tornou-se, posteriormente, a condição social de todo um grupo. Eram indivíduos que, embora não propriamente “europeus”, estavam plenamente incorporados nessa ordem social.

Como bem apontado por Adhikari⁵³, após a emancipação dos khoisan e dos escravos, em 1828 e 1838 respectivamente, vários componentes de uma heterogênea classe trabalhadora não branca começaram a ser integrados à sociedade colonial e a desenvolver uma identidade comum incipiente. Esta identidade, baseada no pertencimento aos estratos mais baixos da sociedade do Cabo, levou, no final do século XIX, ao surgimento de algo próximo ao que hoje entendemos como a identidade Coloured⁵⁴ – todo um estrato da sociedade vivendo nessa área liminar.

A vida entre mundos permitiu a Krotoa alcançar grande poder de influência. A facilidade com que circulava entre os grupos khoisan e os holandeses do Cabo tornou-se um capital de grande valor na sociedade nascente. E Krotoa teve muita habilidade na administração desse capital, usufruindo da posição especial que ocupava.

Não obstante a vida de Krotoa tender a ser vista como uma estória singular, é preciso colocar esses dados em perspectiva. A literatura especializada, tanto na História quanto na Etnologia, tem

⁵³ ADHIKARI, *op. cit.*

⁵⁴ *Id.*, p. 2.

revelado ser comum a muitas sociedades africanas essa atuação das mulheres como um vínculo entre dois grupos, de modo a torná-los aliados. Tanto o matrimônio quanto as atividades comerciais desenvolvidas por mulheres revelam-se importantes formas de construção de aliança em contextos de contatos intersocietários, da ilha de Gorée à baía de Maputo, e além⁵⁵. O papel de mediadora desempenhado por mulheres africanas em sociedades de fronteira até mesmo antecede à presença europeia na África. Quero com isso indicar que a atuação de Krotoa é, ao mesmo tempo, singular no contexto de formação da Colônia do Cabo e comum a tantas outras mulheres em sociedades africanas. Possivelmente, na ausência dos europeus, Krotoa poderia desempenhar o mesmo papel com outros grupos estrangeiros (ainda que também africanos). Sua habilidade como mediadora mostrou-se especialmente eficaz, revelando os ganhos de uma vida em movimento, na fronteira.

Essa vida, porém, também lhe trouxe danos fatais. Krotoa sofreu na pele os efeitos de viver às margens da sociedade. Desde cedo soube que, por mais que adquirisse o modo de vida holandês, jamais seria uma igual. Nas palavras do próprio Van Riebeeck, a menina falava holandês com *quase* a mesma perfeição de uma holandesa. E, quase igual às holandesas, batizou-se, casou-se e foi sepultada em ritual cristão. Mas seus últimos anos de vida decorreram no isolamento de Robben Island, desprezada e relegada como uma criminoso.

De modo semelhante, Sylvia aprendeu a viver num mundo onde pessoas mestiças podiam ser quase White ou quase Black, mas sempre fadadas a serem identificadas como Coloured – o que Sylvia via como uma verdadeira prisão.

Noto ainda que ambas atravessaram fronteiras também na vida conjugal. Krotoa foi protagonista do que se considera o primeiro casamento cristão inter-racial da Colônia do Cabo, com o oficial dinamarquês Pieter van Meerhoff, em uma ousada estratégia para consolidar seu lugar nessa sociedade colonial nascente. Pagou caro por isso. Embora não estivesse cometendo nenhum crime, de fato, seu casamento estava na esfera do indesejável e, junto de seu marido e filhos mestiços, foi expulsa do convívio social. Já durante a implementação do regime de apartheid, a criminalização da mistura ganharia mais força. A proibição dos casamentos mistos, em 1949, foi a primeira lei destinada a garantir a segregação racial – o que afetou diretamente a vida conjugal de Sylvia e seu marido inglês. Seu casamento foi uma opção individual, sem a participação da sua família, mas com impactos coletivos ao ferir parte essencial da ideologia racial imposta.

⁵⁵ Cito como exemplos: ZIMBA, Benigna. *Mulheres invisíveis: o gênero e as políticas comerciais no Sul de Moçambique, 1720-1830*. Maputo: Promédia, 2003; e CANDIDO, Mariana P.; JONES, Adam (Eds.). *African Women in the Atlantic World: property, vulnerability & mobility, 1660-1880*. Rochester: Boydell & Brewer, 2019. A obra de Benigna Zimba trata da agência das mulheres no comércio de marfim e na agricultura de exportação na baía de Maputo nos séculos XVIII e XIX. A coletânea organizada por Mariana Candido e Adam Jones também traz vários casos que revelam a atuação de mulheres como intermediárias, com relações comerciais e às vezes íntimas, em sociedades de fronteira na costa oeste africana do século XVII ao XIX.

Como mulheres vivendo em mundos misóginos, ambas enfrentaram outros tipos de violência. Sylvia foi abusada pelo padrasto, ainda criança. Quanto a Krotoa, não há certezas, mas uma grande possibilidade de que também tenha sido vítima de abusos sexuais. Contudo, a trajetória de nenhuma das duas nos fornece a imagem de vítimas passivas. Mesmo com toda a tragédia vivida por Krotoa nos seus últimos anos e todo o sofrimento de que padeceu Sylvia, temos o perfil de duas mulheres fortes que enfrentaram adversidades e deixaram sua marca no mundo.

A retomada da herança khoisan

O processo vivido por Sylvia na busca de uma reconexão com seus antepassados khoisan não é um caso isolado. Nos últimos anos, tem crescido um movimento político-identitário entre parte dos chamados Coloureds que recusa tal categoria associada ao regime de apartheid. Seguindo um caminho contrário à afirmação da mestiçagem, buscam recuperar uma herança khoisan.

O Aboriginal/Xarra Restorative Justice Forum, por exemplo, é uma organização de ativistas que unem forças para garantir o direito à terra aos descendentes de grupos khoisan. E as iniciativas não se restringem à esfera da garantia de direitos. Em 2019, a Universidade da Cidade do Cabo passou a oferecer, entre seus cursos de línguas, o ensino do Khoekhoegowab. A universidade também renomeou diversos prédios usando nomes de personalidades históricas khoisan. Ainda, o estilo de dança conhecido como Rieldans, visto como uma dança tradicional khoisan, tem ganhado vida em competições entre grupos de jovens dançarinos.

O livro de memórias de Sylvia Vollenhoven é, portanto, um produto do seu tempo. No âmbito desse movimento de reconhecimento da herança khoisan, inclusive, Sylvia Vollenhoven escreveu uma peça teatral intitulada *Krotoa Eva van de Kaap* (em português, *Krotoa Eva do Cabo*), produzida em colaboração com um grupo holandês. A peça, estreada em 2018, foi anunciada como “uma invocação do espírito de Krotoa” para que ela possa falar com o público do século XXI.

E, assim, fecha-se um círculo. A retomada de Krotoa por Sylvia está longe de ser mera coincidência. Krotoa vivenciou a formação de uma sociedade que tinha na diferença racial as suas bases. O fosso construído entre os khoisan e os europeus tornou-se cada vez mais profundo, de modo que o papel de intermediária tão bem desempenhado por Krotoa não mais se sustentasse. O “entrelugares”, fonte de empoderamento de Krotoa, passou a ser um “não-lugar”, razão de sua ruína.

Três séculos depois, Sylvia Vollenhoven viveu as agruras dessa posição fronteiriça. Tornar-se adulta foi para ela um processo de conscientização sobre seu não-lugar e de recrudescimento da busca por identificação. A ideia de uma “herança khoisan” – real ou construída – é o que dá sentido à trajetória de Sylvia Vollenhoven, conforme suas memórias. E essa busca por pertença e reconhecimento é, simultaneamente, uma luta pessoal e coletiva.

Referências bibliográficas

- ABRAHAMS, Yvette. Was Eva raped? An exercise in speculative history. *Kronos*, n. 23, pp. 3-21, 1996.
- ADHIKARI, Mohamed. *Not white enough, not black enough: racial identity in the South African Coloured community*. Athens (EUA): Ohio University; Center for International Studies, 2005.
- ALEXANDER, Kenneth M. *Man about town*. Cidade do Cabo: New Adventure, 2019.
- BRAZ DIAS, Juliana; BELIZZE, Geovanna. Encenando a diferença em palcos metropolitanos: as trajetórias de Sara Baartman e Franz Taibosh. *Anuário Antropológico*, v. 45, n. 3, pp. 304-324, 2020.
- CANDIDO, Mariana P.; JONES, Adam (Eds.). *African Women in the Atlantic World: property, vulnerability & mobility, 1660-1880*. Rochester: Boydell & Brewer, 2019.
- CHAVES, Rita. Autobiografias em Moçambique: a escrita como monumento (2001-2013). *Revista de História*, n. 178, a03118, 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-83092019000100317&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 5 abr. 2020.
- COETZEE, Carli. Krotoä Remembered: a mother of unity, a mother of sorrow. In: NUTTALL, Sarah; COETZEE, Carli (Eds.). *Negotiating the past: the making of memory in South Africa*. Cidade do Cabo: Oxford University Press, 1998.
- CONRADIE, Pieter. Remembering Eva: the frontiers within. *Alternation*, v. 4, n.1, pp. 60-72, 1997.
- CROSHER-SEGERS, Beryl. *A darker shade of pale: a memoir of apartheid South Africa*. Durham: Torchflame Books, 2018.
- DANIELS, Yusuf. *Living Coloured (because Black & White were already taken)*. Johannesburg: Jacana Media, 2019.
- DAVIS, Rebecca. Confessions of a white feminist. In: THORPE, Jen (Ed.). *Feminism is: South Africans speak their truth*. Cidade do Cabo: Kwela Books, 2018. pp. 106-113.
- DAWJEE, Haji Mohamed. Feminism is the noisy protest, and the quiet struggle. In: THORPE, Jen (Ed.). *Feminism is: South Africans speak their truth*. Cidade do Cabo: Kwela Books, 2018. pp. 62-73.
- GQOLA, Pumla Dineo. *What is slavery to me? Postcolonial/slave memory in post-apartheid South Africa*. Johannesburg: Wits University Press, 2010.
- HUGHES, Heather. African Biography and Historiography. In: *The Oxford Research Encyclopedia, African History*. Nova York: Oxford University Press, 2018. Disponível em: <https://oxfordre.com/africanhistory/view/10.1093/acrefore/9780190277734.001.0001/acrefore-9780190277734-e-229>. Acesso em: 5 abr. 2020.

- LANDMAN, Christina. The religious Krotoa (c1642-1674). *Kronos*, n. 23, pp. 22-35, 1996.
- MALHERBE, Vertrees C. *Krotoa, called "Eva": a woman between*. Cidade do Cabo: University of Cape Town; Centre for African Studies, 1990. (Communication Series, n. 19).
- SAMUELSON, Meg. *Remembering the Nation, Disremembering women? Stories of the South African Transition*. Pietermaritzburg: University of KwaZulu-Natal Press, 2007.
- SCHOEMAN, Karel. *Seven Khoi Lives: Cape biographies of the seventeenth century*. Pretoria: Protea Book House, 2009.
- THOMPSON, Leonard. *A history of South Africa*. 3. ed. New Haven; Londres: Yale University Press, 2001.
- VAN WYK, Chris. *Eggs to lay, chickens to hatch: a memoir*. Johannesburg: Picador Africa, 2010.
- VOLLENHOVEN, Sylvia. *The Keeper of the Kumm: ancestral longing and belonging of a boesmankind*. Cidade do Cabo: Tafelberg, 2016.
- WELLS, Julia C. An African Woman at the Cape: Krotoa (c. 1642-74). In: CRAIS, Clifton; MCCLENDON, Thomas V. (Eds.). *The South Africa Reader*. Durham: Duke University Press, 2014. pp. 37-45.
- WELLS, Julia C. Eva's men: gender and power in the establishment of the Cape of Good Hope, 1652-74. *Journal of African History*, n. 39, pp. 417-437, 1998.
- ZIMBA, Benigna. *Mulheres invisíveis: o género e as políticas comerciais no Sul de Moçambique, 1720-1830*. Maputo: Promédia, 2003.